

Application for Drawing Room Lisbon 2018

Pedro Gomes - Panorama – Solo Project

O artista Pedro Gomes (Moçambique, 1972) apresenta uma nova série de obras intituladas Panorama que, ao expandir a disciplina de desenho, indaga as fronteiras interdisciplinares e questiona como o modo de fazer é pertinente à realidade que a imagem em si tenta abrigar. Após a exposição Urbe (08.03/20.05.2018) no Museu Arpad Szenes Vieira da Silva, em que o artista apresenta dois grandes desenhos construídos em módulos de desenhos individuais, a instalação de desenhos Panorama proposta para a Drawing Room – Lisboa (10/14.10.2018) desenvolve-se a partir da ideia moderna do cubo branco e das pinturas panoramas do fim do século XVIII. A instalação Panorama, que vai cobrir a totalidade das paredes do stand da feira, é composta por desenhos a grafite e acrílico sobre papel, em módulos de folhas quadradas de 140 cm

A proposta de Brian O'Doherty sobre o «white cube» aponta, criticamente, para como as leituras das obras de arte podem ser experimentadas num espaço normativo como as galerias e museus modernos e contemporâneos. Pedro Gomes, ao ocupar todas as paredes brancas com desenhos subverte este paradigma e transforma o espaço asséptico numa câmara de um ruído infinito numa aproximação ao «white noise». Este ruído é construído através da suposição de diversas imagens de trabalhos recentes que dão continuidade à investigação encetada pelo artista sobre o modo como a imagem pode ser uma exaustão perpétua de realidades indiferenciadas em que o olhar se perde na superfície inebriante do desenho.

As pinturas panoramas desenvolvidas em grande escala até ao fim do século XIX eram estruturas semi-circulares ou circulares que, através da pintura realista, narravam uma história, bem ao género da glorificação das pinturas históricas. Neste sentido, a técnica de trompe-l'œil favorecia a veracidade e a emoção dos espectadores que convinha ao enaltecimento da história narrada. O projecto de Pedro Gomes, através da ocupação total das paredes com desenhos, vem intrrometer-se na re-leitura dos pressupostos que os panoramas históricos faziam veicular. Através da utilização de um desenho tipo-padrão utilizada para esconder textos privados, os desenhos intensificam a invisibilidade do que é representado e não permitem a sua identificação. Considerando que a experiência desta proposta artística já não se encontra no campo do reconhecimento, pode-se referir

que a perda e a desorientação são os focos que norteiam este trabalho. O artista socorre-se de linhas escavadas, com diferentes intensidades, directamente na folha de papel, para desenhar percursos que, posteriormente e com alguma dificuldade, podemos reconhecer edifícios e plantas. Contudo, as camuflagens de ambas as realidades representadas

parecem confundir o seu espectador e, assim, promovem uma multiplicidade de possibilidades e de caminhos a percorrer. Este sentido revela uma experiência, tanto intelectual como sensorial, como se os desenhos fossem apenas ecrãs saturados de imagens e de realidades. Numa última instância, a saturação pode reencaminhar para o excesso de imagens e, conseqüentemente, para o seu próprio fim.

A obra Panorama de Pedro Gomes relaciona o modo de fazer meticuloso, paciente e, aparentemente, mecânico com a realidade fria e inhóspita que nos rodeia. Em jeito de instalação, esta obra remete o seu espectador perante uma sublime paisagem, entre o deslumbramento e o temor, que exacerba o mundo em que vivemos.